

## O PROTAGONISMO ECOSÓFICO

Celso Candido

*L'activité de cartographie et de métamodélisation écosophique, où l'être devient l'objet ultime d'une hétérogénèse sous l'égide d'un nouveau paradigme esthétique, devrait donc se faire à la fois plus modeste et plus audacieuse que les productions conceptuelles auxquelles l'Université nous a accoutumés.*

Félix Guattari

1

O contemporâneo é um tempo de contradições inusitadas, admiráveis. No domínio *tecnocientífico*: a metaguerra de (auto)extermínio humano e planetário e a super-revolução genética revelam, de um lado, o poder de destruir a vida; de outro, o de criar a vida; a automação produtiva recria a possibilidade do ócio, mas também, sobretudo, do trabalho criativo, ao mesmo tempo em que os índices de desemprego tornam-se, em algumas regiões, alarmantes. Já, no domínio das relações sociais, a extrema riqueza e sofisticação da existência convivem no mesmo tempo e espaço com a extrema pobreza, não apenas material, mas também moral e cultural; os grandes centros urbanos, ao mesmo tempo em que concentram, também escondem a riqueza socialmente produzida para benefícios de uns em detrimento de outros, de modo que a violência

social - a seguir os atuais padrões dominantes de desenvolvimento econômico - só tenderá a aumentar. Enquanto os mesmos governos que conquistam o espaço interplanetário são aqueles que promovem, pouco a pouco, uma imensa devastação do Planeta Terra e sua frágil biosfera; enquanto a revolução feminista desencadeou movimentos reais de liberação feminina, convive-se ainda, por todos os lados, com o sexismo, a exploração e segregação sexual, não apenas de mulheres, mas de meninas, de travestis, de muitos "devires-mulher"; enquanto, por trás dos paraísos artificiais das grandes sociedades de consumo, os sofrimentos e distúrbios psíquicos não são menores e tanto quanto a World Wide Web torna-se uma ferramenta cada vez mais poderosa para aqueles que a dominam e exploram, outros tantos encontram-se muito longe de desfrutar os privilégios e poderes das redes mundiais de comunicação humana.

Sem dúvida, entre as contradições e incertezas cada vez mais lancinantes do mundo contemporâneo, o drama da destruição ambiental, parcial ou mesmo total, faz parte, de agora em diante, dos problemas filosóficos, científicos, éticos e políticos mais complexos e angustiantes. O delírio de uma época nunca foi tão longe. Que garantias se pode agora ter do futuro?

Muitas vezes, não se possui nem mesmo um instrumental teórico adequado para enfrentar questões tão complexas, tão efetivamente inacessíveis como estas. Em todo caso, aquilo que é

propriamente a “flecha do tempo” contemporânea é a constatação de que os destinos humanos estão, daqui por diante, irreversivelmente conectados às aspirações ambientalistas. Nas palavras de Castells,

trata-se da única identidade global proposta a todos os seres, independentemente de seus vínculos sociais históricos ou de gênero, ou de seu credo religioso. Contudo, uma vez que a maioria das pessoas não vive no plano cosmológico, e a aceitação de nossa natureza compartilhada com a dos mosquitos ainda impõe certos problemas táticos, a questão decisiva para a influência da nova cultura ecológica consiste em sua capacidade de unir os traços de culturas distintas em um hipertexto humano, constituído de diversidade histórica e comunidade biológica.<sup>(1)</sup>

Sem dúvida, a complexidade e o caráter dramático de tais questões merecem muitos estudos à parte, mas o que se deseja aqui é apenas indicar que diante deste “quadro trágico-dionisíaco”, uma pressuposição teórica situada em paradigmas ético-estético-políticos de tipo *ecosófico* se impõe. Isso tudo quer dizer, inicialmente, que um *protagonismo ecosófico* se tornou um imperativo, uma condição irreduzível teórica e praticamente do mundo contemporâneo, tanto em nível

micro como macropolítico. Como diz Guattari,

não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.<sup>(2)</sup>

Guattari empenhou-se em demonstrar a relevância absoluta das questões moleculares do desejo e da subjetividade, mas não deixou de alertar que um investimento em movimentos micropolíticos não deveria fazer esquecer ou deixar de lado, ou considerar, como secundárias, as questões molares do social, de Estado, de poder, de classes, institucionais. Assim, este protagonismo deveria concernir às dimensões social, ambiental e mental das relações humanas. É por isso que,

aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referências teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também

as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os "marginalizados", os imigrados.<sup>(3)</sup>

Não se trata aí de projetar uma filosofia da história com um fim que *todos têm*, queiram ou não, de perseguir - o que não significa renunciar ao debate sobre a filosofia da história. Sobretudo, um *protagonismo ecosófico* gostaria de significar uma profusão de revoluções moleculares e molares do desejo e do social não em vista de um "fim da história", mas apontaria para grandes transformações no modo de viver e sentir o humano, a si mesmo e o planeta. A *ecosofia* das "três ecologias" não quer dizer um futuro pré-definido a conquistar, mas um verdadeiro não-fim da história, uma abertura para uma multiplicidade infinita de práticas e devires ecosóficos, percorrendo o corpo social-histórico. Dessa forma, segundo Guattari, "...decorrerá uma recomposição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares - a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental - sob a égide ético-estética de uma *ecosofia*".<sup>(4)</sup>

De acordo com Guattari, "a *ecosofia* social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto

urbano, do trabalho etc.". <sup>(5)</sup> Assim, as questões da geração de trabalho e redistribuição de renda e do conhecimento, da terra e do espaço, no campo e nas cidades, tornam-se vitais do ponto de vista da ecologia social.

Por sua vez, a ecologia mental,

...será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os "mistérios" da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais "psi", sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade.<sup>(6)</sup>

Assim, por exemplo, o problema do egocentrismo alienante tornou-se um aspecto central desta ecologia da subjetividade humana. Quanto à *ecologia ambiental*, o que estará em questão, daqui para a frente, será não apenas como preservar a biosfera, mas também como recompor e recriar as formas de vida no planeta,<sup>(7)</sup> bem como o problema de uma economia sustentável.

Sem dúvida, estas questões estão associadas às grandes questões clássicas da filosofia de todos os tempos, ou seja, remetem

a problemas de ordem ética, estética e política. A ecologia mental é indissociável de uma ética, uma política e uma estética da existência; uma estética ecológica, deverá fazer reencontrar o *gosto* da vida com o *desejo* de vida; e uma ecologia política implicará uma nova relação de forças sociais capazes de inibir, em larga escala, os desequilíbrios e injustiças sociais e ambientais.

Conseqüentemente, este *protagonismo ecosófico* só pode estar aberto ao devir, só pode ser pensado como autoconstrução, *autopoiêses*, como contradição, como finito no tempo e no espaço, como *permanente e inventiva criação* dos coletivos humanos. Para começar, talvez, dever-se-ia pensar como aqueles lendários índios americanos que, ao tomarem qualquer decisão, a formulavam sempre tendo em vista as aspirações das gerações nascentes, até a sétima,<sup>(8)</sup> a fim de inserir-se naquilo que Castells chamou de o “tempo glacial”, o tempo propriamente ecológico.

Além das fronteiras limitadas pelo tempo cronológico subjugado, ainda vivido pela maior parte dos habitantes do mundo, o embate histórico pela nova temporalidade ocorre entre a aniquilação do conceito de tempo nos fluxos recorrentes das redes de computadores e a realização do tempo glacial mediante a incorporação consciente do nosso eu cosmológico.<sup>(9)</sup>

O trabalho do pensamento, então, se vê aqui situado diante talvez do maior desafio colocado à humanidade em todos os tempos. Assim, poder-se-ia exclamar com Guattari: “ninguém está dispensado de jogar o jogo da ecologia no imaginário!”.<sup>(10)</sup> O *lógos* contemporâneo não tem como posicionar-se ao largo desses processos. Ou seja, o trabalho intelectual, com modéstia e ousadia ao mesmo tempo, deveria, concedida e reconhecidamente, ajudar a favorecer e, tanto quanto possível, inventar as conexões com as aspirações e devires ecosóficos. Em suma, como diria Nietzsche, colocar a ciência, desde a perspectiva da vida, a favor da vida.<sup>(11)</sup>

## Notas

(1) CASTELLS (2001a, p. 160).

(2) GUATTARI (1993, p. 9).

(3) Idem (p. 26/7).

(4) GUATTARI (1993, p. 23).

(5) Idem (p. 15/6).

(6) Idem (p. 16).

(7) Idem (p. 53).

(8) Conforme o filme MINDWALK, baseado nas idéias de Capra.

(9) CASTELLS (2001c, 159).

(10) GUATTARI (1993, p. 42).

(11) NIETZSCHE (1984).